

LINGUAGEM SIMBÓLICA E IDENTIDADE CULTURAL DAS HQS SYMBOLIC LANGUAGE AND CULTURAL IDENTITY OF COMICS

Eliane Meire Soares RASLAN
UEMG – Brasil
elianest2002@yahoo.com.br

Milene Silva Sacramento
UEMG - Brasil
mileness@yahoo.com.br

Resumo. A linguagem simbólica e os traços de identidade estão presentes através das gírias e utilizamos as Histórias em Quadrinhos (HQs) como meio desta análise. Nas HQs de Porto Alegre, avaliamos a linguagem típica do século XVIII e, nas HQs de Cuiabá, as linguagens indígenas. Em ambas utilizamos como referência os textos do sociólogo e filósofo francês Jean Baudrillard para tratarmos o significado figurado. De Porto Alegre, trabalhamos com a HQ “Paiaguá – Donos do Rio”, de Augusto Figliaggi e Elaine Gonçalves que narra de forma ficcional a história da guerra entre os colonizadores portugueses e os índios mato-grossenses. Em seguida, contextualizamos a HQ “O Analista de Bagé”, de Luís Fernando Veríssimo, que conta a história de um psicanalista freudiano grosso e sincero. Abordamos a vida e a rotina da população porto-alegrense e mato-grossense desses quadrinhos buscando o pensamento de Jean Baudrillard, a linguagem pensa e pensa por nós, o que trata sobre o sujeito, tanto quanto nós pensamos por meio dela.

Palavras-chave: Linguagem Simbólica. Identidade Cultural. Singularidade.

Abstract. The symbolic language and identity traits are present through the use slang and comics as a means of this analysis. In comics Porto Alegre evaluate the typical language of the eighteenth century and in Cuiabá evaluate the indians languages of comics, using both reference texts of french philosopher and sociologist Jean Baudrillard to treat the figurative meaning. From Porto Alegre to work with HQ “Paiaguá” – Rio’s owners (Donos do Rio), by Augusto Figliaggi e Elaine Gonçalves, who narrate the story in a fictional war between the Portuguese settlers and the Indians of Mato Grosso. Then contextualize the comic “The Analyst Bage” (O analista de Bagé) by Luís Fernando Veríssimo, wich tells the story of a Freudian psychoanalyst thick and sincere. The life and routine population porto-alegrense and mato-grossense are discussed seeking the thought of Jean Baudrillard, language thinks and thinks for us, which deals with the subject, as much as we thinkthought it.

Keywords: Symbolic Language. Cultural Identity. Singularity

As Histórias em Quadrinhos, Quadrinhos ou apenas HQs são constituídos por textos e diálogos geralmente curtos e de fácil compreensão com desenhos sequenciais que têm por objetivo contar uma história. Atualmente as HQs estão sendo levadas em consideração no aprendizado como meio no processo de alfabetização infantil, conseguem despertar a atenção das crianças e ensiná-las a associar as ilustrações e os

textos com maior interesse. Nas Histórias em Quadrinhos (HQs), as crianças conseguem entender a história através da leitura das tirinhas pelo incentivo à observação das imagens ou por meio da correlação entre as palavras e as ilustrações.

O fundador e coordenador do Observatório de Histórias em Quadrinhos, Waldomiro Vergueiro⁸, afirma que os quadrinhos utilizam a imagem gráfica como um de seus principais elementos de comunicação. Vergueiro (2009) reafirma a importância desse elemento quando exemplifica que o homem primitivo desenhava na parede das cavernas como uma forma de se comunicar e são essas pinturas rupestres que nos permitem entender como os nossos ancestrais viviam.

Entendemos que, além disso, devemos levar em consideração o formato, as cores utilizadas, os desenhos, os personagens, as histórias, a linguagem fácil e simples. O entretenimento que as HQs proporcionam é variado, um estímulo ao sujeito, em especial, podemos considerar ser uma instigação para as crianças, como o interesse e o gosto pela leitura. Outra característica presente nas HQs que comprova a sua importância no processo educativo é a publicação de histórias que contam e ilustram fatos históricos. Através dessas revistinhas em quadrinhos, as crianças e até mesmo os adultos conseguem aprender e descobrir detalhes da história da sua cidade, do seu estado e/ou do seu país.

Dentro desse pensamento, os quadrinhos transformam-se em um objeto de transmissão da experiência cultural ou histórico social de um determinado povo. O personagem de Maurício de Souza⁹, Chico Bento¹⁰, possui uma linguagem simbólica e que carrega traços da identidade brasileira. É através do linguajar peculiar, coloquial e caipira desse personagem que os habitantes das cidades do interior sentem-se representados tanto na HQ “Turma do Chico Bento” quanto na HQ “Turma da Mônica”. Através das HQs podemos identificar identidades e diferentes formas de linguagem.

Waldomiro Vergueiro e Maurício de Sousa têm diversos exemplos de publicações e trabalhos que comprovam a potencialidade do uso das HQs e a sua

⁸ Waldomiro Vergueiro, doutor em Ciências da Comunicação pela ECA-USP, professor e chefe do Departamento de Biblioteconomia e Documentação. Fundador e coordenador do OHQ. Fonte: currículo lattes

⁹ Maurício de Sousa é um dos mais famosos cartunistas brasileiros, é o criador da "Turma da Mônica" e membro da Academia Paulista de Letras. Fonte: *Facebook* Maurício de Sousa Produções.

¹⁰ Chico Bento (Francisco Antonio Felício Bento) criado pelo cartunista brasileiro Maurício de Sousa, em 1961. Foi inspirado em um tio-avô de Maurício, morador de Santa Branca, no Vale do Paraíba, São Paulo. Fonte: site oficial da Turma do Chico Bento. <<http://www.turmadochicobento.com.br/turmadochicobento/>>.

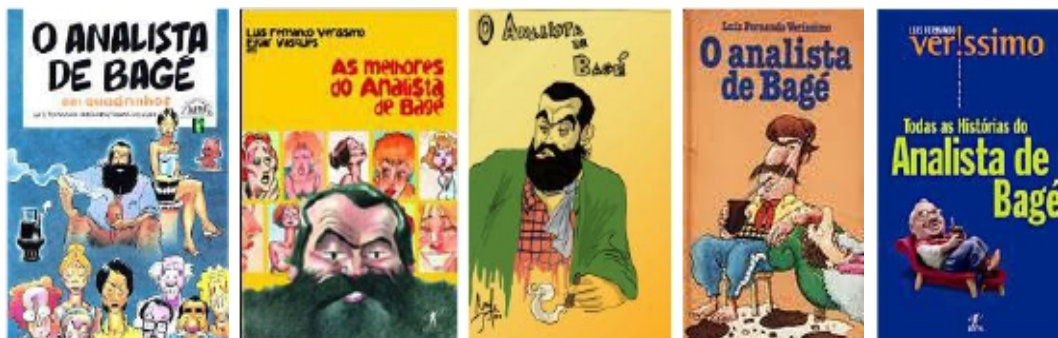
importância no mercado acadêmico e do entretenimento. Ainda podemos mencionar que existem outras características presentes nas HQs estão nos estímulos, como a oralidade que nos envolvem com o tom conversacional, tem relação com o sentimento e a expressão de sinais. As palavras em negritos ou mesmo escritas com fontes diferentes do restante do texto são pontuadas como meio de demonstração criando anseios nos personagens, adequações linguísticas que proporcionam a interação entre a mensagem e o leitor, que facilitam a compreensão da história e fazem com que o leitor sinta-se parte integrante do contexto. As HQs atuam no processo de alfabetização, no processo informativo, geográfico e histórico, servem como uma forma de entretenimento, de diversão, de incentivo à leitura, estimula a curiosidade e a imaginação, permitem a comunicação e a troca de cultura.

O Analista de Bagé: a linguagem simbólica e a identidade cultural de Porto Alegre

Desde o século XIX, no Brasil, que existem as caricaturas, charges e cartuns como meio tradicional de se contar uma “historinha” popular. Tirinhas que como consequência viraram as Histórias em Quadrinhos (HQs). Buscamos “O Analista de Bagé”¹¹, de Luís Fernando Veríssimo (2002), que é uma HQ de humor e que tem como principal característica um repertório vasto de expressões porto-alegrenses. Abaixo (fig. 1-5) algumas capas do personagem¹².

¹¹ O Analista de Bagé finalmente reapareceu. No início, eram apenas contos; depois, transformou-se em peça de teatro. Agora, após clinicar por quase uma década na revista *Playboy* e ter sumido do mapa, o Analista ressurgiu em uma edição bem-acabada (devidamente acompanhado da fiel secretária Lindaura), compilando as HQs publicadas neste período. Disponível em: <<http://arijon.wordpress.com/2007/10/09/hq-as-melhores-do-analista-de-bage/>>. Acesso em: 25 maio de 2012.

¹² O personagem é um homem de nacionalidade brasileira, Gaúcho de bombacha, daqueles que não levam desaforo “para casa”, personagem cura todos os problemas que, bem ou mal, são relacionados a sexo: ninfomania, frigidez, ejaculação precoce e por aí vai. Fonte: *Idem*. O sucesso dos contos levou-o à publicação de um álbum pela editora gaúcha L&PM. Este, por sua vez, gerou uma nova série para a revista masculina *Playboy*, publicada em página inteira, entre os anos de 1983 e 1992. Disponível em: <<http://ebooksgratis.com.br/category/quadrinhos/livros-quadrinizados/>>



Figuras 1-5: Capas das HQs O analista de Bagé
Fonte: Luís Fernando Veríssimo¹³

Primeiro vamos tratar o processo de desenvolvimento pesquisado por Fialho (2005). Neste caso ele buscou o município de Canguçu que serve para nós como referência da influência cultural de determinada região dentro do Rio Grande do Sul. O autor trata a abrangência da complexidade do contexto do relacionamento social às quais as pessoas estão integradas. Com base na história do Rio Grande do Sul, dentro de duas localidades rurais desse município, observou o comportamento coletivo local e a relação com o ambiente de pessoas do município de Canguçu. Fialho (2005) afirma que “As pessoas dessas localidades, na grande maioria, caracterizam-se pela miscigenação entre descendentes de portugueses, índios, negros e espanhóis, pela agricultura de base familiar e pelos estigmas atribuídos à origem étnica [...]”

O Rio Grande do Sul atualmente destaca-se em vários setores da economia, mas no passado era identificado como um Estado agrícola, conhecido pela produção de grãos e pela criação de gado. A sociedade gaúcha é resultado da agregação de várias etnias que aportaram em períodos diversos; podemos, inicialmente, destacar dois momentos. O primeiro inicia no século XVII com a chegada dos portugueses que vieram disputar território com os espanhóis, e termina no início do século XIX. Período marcado por conflitos e disputas por território e pela economia baseada na captura e criação de gado, concentrando a ocupação no extremo sul do Rio Grande do Sul. Tínhamos nesse momento a presença dos sul-americanos (índios nativos), dos europeus (portugueses e espanhóis) e dos africanos (negros escravos), etnias que originaram, pela miscigenação, o gaúcho – habitante do pampa. (FIALHO, 2005, p.5)

Analisando novamente as HQs de “O Analista de Bagé” podemos perceber que, de uma forma geral, o contexto vai voltar das atualidades ao início da história cultural do Rio Grande do Sul. Imagens antigas presentes nos novos contextos sociais se misturam como podemos observar abaixo na primeira figura (fig 6), publicada em 1981.

¹³ Tamanho: 8mb. As duas primeiras revistas foram publicadas com parceria com Edgar Vasques. A quinta figura (fig. 5) foi publicada por Luiz Fernando Veríssimo, ele insere neste livro todas HQs produzidas até o momento por ele.

Ou mesmo as vestes na segunda figura, página 48 de 1983, que retrata as vestes gaúchas e a influência da língua espanhola.



Figuras 6-7: O analista de Bagé
Fonte: Luís Fernando Veríssimo

Podemos considerar, de acordo com Fialho (2005), que “precisamos conversar e observar para conhecer um pouco do passado e do presente, das aspirações, inteirando-se da história, dos valores e de outros elementos que participam do viver, para compreender os condicionantes do processo de desenvolvimento.” (p.06). Os problemas e limitações viram história nas HQs de Luís Fernando Veríssimo. Observamos que nas figuras 6 e 7 existem as influências de idiomas e cultura de outros países.

O segundo momento, século XIX, é marcado pela chegada dos primeiros imigrantes alemães e, posteriormente, dos italianos. Como a parte sul do território rio-grandense estava ocupada pelos portugueses, os alemães e italianos foram destinados para a parte norte, região ocupada por serras e floretas, em pequenas extensões de terra em que a base da economia era a agricultura de mão-de-obra familiar. Estes dois momentos distintos da ocupação do território rio-grandense resultaram na divisão do Estado em duas partes, a Metade Sul, marcada pela colonização portuguesa e pela pecuária extensiva, e a Metade Norte, caracterizada pela colonização alemã e italiana e pela diversidade da produção agrícola familiar. Atualmente as duas metades estão em níveis de desenvolvimento diferentes, resultado de inúmeros fatores que não serão discutidos neste trabalho, mas que, para os menos informados, recaí sobre a formação étnica predominante em cada região. (FIALHO, 2005, p.5-6)

Esses momentos distintos tratados por Fialho (2005) são marcos deixados na cultura porto-alegrense, podemos observar até mesmo em um penteado feminino como na figura acima, segunda desenho, página 48, de 1983.

Percebemos que nas HQs “O analista de bagé” (fig.1-7) o tempo das histórias de um quadro para o outro continua adequado para o contexto, dentro de uma composição direta garantindo o humor. Luís Fernando Veríssimo usa aquarela em seus desenhos e podemos perceber as melhoras de seus traços de uma revista para outra.

Em entrevista realizada com Carlos Maranhão pela revista *Playboy*, em janeiro de 1989, Luis Fernando Veríssimo afirma comparar a semelhança do “*chez*” francês com o “Tchê” Françoise¹⁴, diz imaginar:

[...] por que ele teria este nome. Criei então um tipo para o Jô Soares fazer na televisão que era um garçom, muito grosso, que trabalhava num restaurante fino, francês, e era casado com a dona do restaurante, mas tentava convencer os fregueses a esquecer as frescuras da francesa e experimentar uma boa linguiça no espeto, etc. Era a ideia da incongruência entre personagem e ambiente, que não é novidade no humor. Como o tipo foi pouco usado na televisão, resolvi aproveitá-lo na coluna da Zero Hora, só transformando o garçom em psicanalista. Mas a ideia da incongruência era a mesma.

A história é contextualizada dentro dessas contradições e elementos que ligam o personagem a fatos reais, além de estabelecer um viés de conhecimento popular e extremamente regional. A comicidade é gerada por esse processo de desmistificação que rompe diretamente com a expectativa, história que trata de valores e identidade presentes na figura gaúcha do Rio Grande do Sul.

Na figura abaixo (fig.8), Edgar Vasques¹⁵, também gaúcho, no final da década de 1980 resolveu quadrinizar os quadrinhos do personagem criado por Luís Fernando Veríssimo – HQ “O analista de Bagé”.

¹⁴ Tanto o “*chez*” francês quanto o “Tchê” gaúcho são usados por suas distintas regiões em países diferentes. Ambos são usados para expressar algum sentimento, seja de exclamação ou de espanto. Fonte: Revista Playboy.

¹⁵ Edgar Vasques atua como ilustrador de livros. Chargista com mais de 500 números do antigo Jornal Gaúcho Diário do Sul. Fonte: <<http://calango74.blogspot.com.br/2007/02/quadrinhos-analista-de-bag.html>>. Acesso: 02 Maio de 2012.



Figura 8: HQ O analista de Bagé
Fonte: Edgar Vasques

O quadrinho conta a história de um psicanalista gaúcho, supostamente freudiano de linha ortodoxa que trata seus clientes de maneira rude e grosseira. Usa palavras marcantes, muitas tipicamente gaúchas, e ilustra a sabedoria popular do Rio Grande do Sul, como:

- Bombacha: a bombacha é uma peça de [roupa](#), calças típicas abotoadas no tornozelo, usada pelos [gaúchos](#). O nome foi adotado do termo [espanhol](#) "bombacho", que significa "calças largas".
 - Abanque: sentar-se, acomodar-se em banco ou em outro assento.
 - Charlando: aventura, coisa boa, algo que faz bem, despreocupação.
 - Parelha: Cavalo preparado para a disputa de carreiras. Cavalo de corrida.
 - Buenacha: boa.
 - Bagual: Cavalo manso que se tornou selvagem. Reprodutor, animal não castrado.
- Pelego
- Oigalê: Exprime admiração, espanto, alegria.
 - Bonachão: O que ou aquele que tem bondade natural, que é simples, ingênuo e paciente.
 - Guampa: Copo feito de chifre usado para tomar tereré.

Encontramos, também, elementos da cultura porto-alegrense: como o mate (chimarrão), cuias. Os textos de “O Analista de Bagé” trazem os bastidores do consultório do psicanalista, que faz uso de conhecimentos pseudocientíficos aliados à sabedoria popular dos pampas para auxiliar seus pacientes a resolver seus anseios. O analista não é nem um pouco correto, ele fala abertamente dos costumes regionais e a

sociedade moderna e científica dos tempos. Em suas crônicas é possível perceber críticas que ele faz aos falsos valores morais, à política e ao machismo.

Consegue retratar exatamente o banal e medíocre da sociedade. Como as pessoas se veem e se divertem com fatos que vivenciam na realidade, retrata a vida delas mesmas. O cartunista consegue tratar fatos reais contextualizados na ironia, nos problemas e na alegria do dia-a-dia de forma cômica.

Schweig (2010) analisa o personagem de Luís Fernando Veríssimo, “o Analista de Bagé”, identificando a identidade gaúcha.

[...] o personagem analista de Bagé atualiza alguns dos dilemas que cercam o estado do Rio Grande do Sul em sua busca por equacionar sua identidade regional frente a uma identidade brasileira – é o dilema local-global que está aí posto. Tal dilema fica claro na oposição sempre presente entre a rusticidade dos hábitos tradicionais do personagem e seu pertencimento à identidade de "analista", a qual remete a um mundo erudito e sofisticado, distante do ideal do tradicionalismo... No caso do analista de Bagé, vemos todo tempo a quebra da imagem de duas figuras com papéis supostamente bem definidos e separados na ordem social formal: o gaúcho campeiro e tradicional; e o psicanalista sofisticado e intelectualizado. É exatamente com essas figuras que o texto de Veríssimo busca romper, explicitando a mistura entre ambas – que, de fato, ocorre na realidade cotidiana... o vocabulário “gaudério” que permeia a resposta do analista de Bagé demonstra que estamos diante de um psicanalista que apesar de se dizer “freudiano de carregar bandeirinha” não segue o estereótipo dominante de tal profissional. Da mesma forma, a imagem idealizada do gaúcho restrito aos domínios do campo, cultivada pelo regionalismo, pouco combina com o reconhecimento e a citação de autores clássicos da psicanálise. Há aqui uma dupla quebra de estereótipos – figuras antes claramente delimitadas são fundidas em um único e contraditório personagem. (SCHWEING, 2010, p.58-60)

Entendemos que existam contradições na identidade gaúcha e que é expressa pelo personagem criado por Luís Fernando Veríssimo. Schweig (2010) garante que essas incoerências são efetivas como característica quando percebemos a diversidade e a complexidade da identidade sul-rio-grandense. “Portanto, podemos entender que a figura do analista de Bagé aponta para aquilo que o regionalismo e o tradicionalismo (bem como aqueles que enfatizam a face cosmopolita e sofisticada do Rio Grande) não deixam entrever.” (p.60). O autor também busca tratar o humor a partir de Henri Bergson, (Rosas, 2003), verificando dois tipos de risos, sendo que “o primeiro deles seria “cômico” e ocorreria quando a palavra dita nos faz rir de quem a pronuncia. O segundo seria “espirituoso”, ocorrendo quando a palavra nos faz rir de uma terceira pessoa ou de nós mesmos.” (p.65). Podemos afirmar fortes características de humor na HQ.

O estado do Rio Grande do Sul¹⁶ tem uma população formada, em sua maioria, por portugueses, alemães, italianos, africanos e indígenas. E ainda por uma pequena parte de espanhóis, poloneses e franceses, dentre outros imigrantes. Dentro desse contexto de influências culturais, tratamos Baudrillard (1986), que defende a ideia de que nos países colonizados não existe uma liberdade social e cultural, porque a cultura desses lugares passou por um processo de miscigenação e nessas misturas culturais originaram a cultura regional de um determinado lugar. O que podemos perceber no personagem “O Analista de Bagé” com forte influência cultural de imigrantes que vieram para o Rio Grande do Sul. O indivíduo que visita o Rio Grande do Sul, em algumas épocas do ano, sente-se como se estivesse na Europa, pela proximidade das estações, como a neve em algumas cidades. Apesar do clima predominante no Brasil ser o tropical, nas cidades gaúchas as temperaturas diminuí consideravelmente no inverno.

Nas cidades gaúchas encontram-se muitos traços da cultura europeia: danças, músicas, roupas, comidas, bebidas, a arquitetura das casas, o sotaque ou até mesmo dialetos em idiomas europeus e também as semelhanças físicas. Algo que ocorreu da mesma forma na França, de acordo com Baudrillard (1986), uma “mistura violenta de múltiplas nacionalidades europeias”.

No Rio Grande do Sul, fica nítida a influência do imperialismo europeu, é comum famílias de imigrantes que conversam através de idiomas específicos, as tradições como as festas de cerveja e vestuário tipicamente usado que remete à Alemanha, a tradição de fabricar vinhos. Abordando Baudrillard (2002), podemos considerar tais relações ao afirmar que “persiste alguma singularidade, alguma minoria, algum idioma específico, alguma paixão ou crença irredutível”, característica que reforça a existência dessas heranças simbólicas que constroem a personalidade de um indivíduo ou de uma sociedade da mesma forma que existem heranças genéticas.

Nas HQs “o Analista de Bagé”, percebemos as comparações constantes do modo de vida gaúcha citadas no personagem. Como as frases sobre o homem no campo, o citado livro em alemão em sua estante no decorrer de suas histórias, uma realidade instintiva da população local. O importante é entender que apesar desse estado possuir uma forte influência europeia, ser constituída através da presença de imigrantes europeus, de índios e de africanos, os gaúchos possuem sua singularidade,

¹⁶ Fonte: Site do Governo do Brasil. <<http://www.brasil.gov.br/sobre/o-brasil/estado-brasileiro/populacao>>. Acesso em: 02 de Junho de 2012.

características que foram formadas através da junção das culturas europeias (predominantemente), da cultura africana e da cultura indígena.

Através dessa miscigenação construiu-se um modo de falar, um modo de se vestir, um estilo de vida, comidas e bebidas típicas que tanto a diferenciam a cultura local da cultura de outras cidades brasileiras quanto da própria cultura europeia.

O consumismo ou apenas consumo¹⁷, consiste na arte de adquirir bens, serviços e até mesmo indivíduos. Podendo ser o consumo por empresas e claro, com pessoas normais como cada um de nós. Baudrillard (1991) acredita que a felicidade atual precisa ser mensurável, carece de signos. Objetos que representem o bem estar, a felicidade travestida em algo palpável para seus donos, e que ironicamente esteja longe do alcance de alguns. O consumo e a felicidade é algo que vem sendo sugerido a caminharem junto em suas retratações. O autor ainda considera que o homem nunca se sente realizado e está sempre à procura de algo novo que o sacie.

Pessoas céticas, as que realmente veem a ilusão que é o mundo em que vivemos, as que conhecem a verdade são as que mais sofrem com essa sociedade de consumo. Citando Platão¹⁸: “Suponha que um dos prisioneiros seja libertado e obrigado a se levantar, virar a cabeça e caminhar com os olhos voltados para a luz; todos esses movimentos seriam doloridos...” serve como uma espécie de comparação, onde a maioria esmagadora está acomodada, sempre foi, e não vê motivos para sair de sua confortável prisão, não conhecem outra vida a não ser a da sociedade de consumo.

Retornando sempre a temática do consumo, é preciso destacar as vantagens financeiras que alguns autores ou empresas tiveram e seu sucesso cada vez mais ascendente, na qual atrai à atenção de vários investidores.

Fenômeno extremamente complexo e dependendo de uma complicada política econômica para poder se realizar como produto de sucesso, a literatura em quadrinhos afeta inúmeras áreas: desde a propriamente *literária* até a *ética*. " (COELHO, 1991, p.251)

¹⁷ Consumo. s.m 1. Gasto 2. Venda 3. Saída *Imposto de Consumo*. Consumir – Conjuguar. v.tr. 1. Fazer desaparecer pelo uso ou gasto. 2. Gastar; devorar; destruir. 3. Corroer; apagar (com o tempo). 4. Comer; beber. 5. Dissipar. 6. [Figurado] [Figurado] Mortificar, ralar. 7. [Religião católica] [Religião católica] Comungar (falando da hóstia).

¹⁸ Fonte: Universidade Regional de Blumenau Centro de Ciências Humanas e da Comunicação Departamento de Comunicação Curso de Publicidade e Propaganda Disciplina: Ética na Publicidade e Propaganda Professor: Carlos Alberto Silva da Silva Acadêmico: Milo Moskorz. *A Sociedade de Consumo – Jean Baudrillard* (Resenha da Segunda Parte – Teoria do Consumo pags. 47 a 97). Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/37343361/Resenha-A-Sociedade-de-Consumo-Jean-Baudrillard>>. Acesso: 04 Junho 2012.

Seguindo o sucesso dos quadrinhos infantis, as HQs se transformaram em uma literatura diferente e muito procurada, também por adultos, seguindo assim a influência americana, que possui tantos quadrinhos como Super Homem, Lanterna Verde, entre outros. Tanta influência e ideologia vinda dos quadrinhos nos trouxeram novas maneiras de vestir, brincar e principalmente falar. Nos quadrinhos, são muito usadas as gírias, sejam elas marcadores de época ou regionalistas. Como é o caso do "Analista de Bagé" e "Paiaguá Donos do Rio"

[...] a literatura em quadrinhos, a partir dos anos 50, cresce em importância como produto dos mais lucrativos na área da imprensa. As editoras especializadas vão-se organizando cada vez mais com eficiência [...] para atender ao crescente público em todo o Brasil (ou pelo menos nos centros urbanos mais importantes). (COELHO, 1991, p. 252)

O Analista de Bagé, de Luis Fernando Veríssimo (2002), é um dos poucos personagens da literatura brasileira que obteve tamanha repercussão e carinho popular. Apenas oito meses após seu lançamento em 1981, a obra já tinha alcançado a marca de 160 mil exemplares consumidos. Os contos são tirados entre o choque com a fala e os costumes regionalistas, com a sociedade moderna.

Um dia me entrou um índio com cara de quem preferia não ter nascido e eu não me segurei na bombacha. Fui lá e lhe apliquei o joelho. O índio se contorceu feito canivete, mas não se convenceu. Disse que sentia um aperto na garganta cada vez que pensava no infinito e que aquela era pior sensação que um vivente podia sentir. Aí eu cheguei bem perto e perguntei: É pior que o joelho? (O ANALISTA DE BAGÉ, 1981, p. 24)

Por ser algo tão regionalista e intimista, o Analista de Bagé relaciona-se diretamente com o leitor, de uma forma ou de outra, seja conversando ou provocando reações espontâneas tais como gargalhadas incontroláveis, divertindo e provocando o público com uma intimidade invejável. O grande uso de polissemia, subjetividade, ruptura das convenções linguísticas, linguagem expressiva, gírias, interjeições e muitas metáforas enriquecem os textos e garantem esse ar íntimo com os leitores, cada vez mais interessados nas histórias.

Paiaguá – Donos do Rio: a linguagem de época e a identidade histórico-cultural de Cuiabá

É importante compreender que cada indivíduo, cada cidade, cada estado e cada país têm as suas singularidades. Com análise dos traços da linguagem simbólica e da identidade cultural da HQ "Paiaguá – Donos do Rio" da cidade de Cuiabá, identificamos essas características específicas que têm influência sobre os

comportamentos e preferências por determinadas comidas e bebidas do sujeito, distinções sobre as roupas utilizadas e também sobre as formas de comunicação, como: as expressões corporais, as pronúncias de algumas palavras, as gírias, os termos e expressões regionais.

Dentro desse pensamento das influências culturais, buscamos as ideias de Baudrillard (1986) que defende a ideia de que a cultura de um determinado lugar pode ser caracterizada através da sua formação geológica. O que nos fez buscar informações sobre a cidade brasileira de Cuiabá, capital do Mato Grosso¹⁹, que possui um clima tropical e úmido, tem como vegetação predominante o cerrado e está localizada no divisor da bacia Amazônica e da bacia latina. Os traços culturais e regionais, como: o artesanato, as gírias e os trejeitos presentes na fala, nas danças, nas músicas, nas comidas, nas bebidas e nas vestimentas possuem características ligadas ao clima, à vegetação, à biodiversidade do Pantanal e à miscigenação presente no seu povoamento.

Basicamente, de acordo com Neto (2007), a cidade era povoada apenas por indígenas. No período do movimento das bandeiras, vários bandeirantes paulistas começaram a desbravar Cuiabá em busca de ouro e de outros metais preciosos. Além disso, os próprios bandeirantes capturavam negros africanos que moravam em Quilombos. Ou seja, a miscigenação de Cuiabá foi constituída através da presença e das influências indígenas, dos negros e dos bandeirantes paulistas (índios, caboclos e brancos). Como a figura 9 abaixo:

¹⁹ Fontes: <<http://www.mt.gov.br>>; <<http://www.ms.gov.br>>. Acesso 14 Maio de 2012.



Figura 9: HQ Paiaguá – Donos do Rio
Fonte: Augusto Figliaggi e Elaine Gonçalves

Essa miscigenação e os embates que ela provoca nos mostram – tendo como alicerce os textos de Baudrillard (1986) – que os países colonizados possuem a cultura “da mistura nacional e racial, da rivalidade e da heterogeneidade”. No século XVIII, ocorreu, em Cuiabá, a “guerra justa”. Como podemos perceber na figura 10, abaixo, que mostra a diferença entre o discurso do Império e a realidade vivida nesse período.

Como uma forma de justificar esse combate entre bandeirantes²⁰ e indígenas paiaguás, deu-se a seguinte explicação (fig. 10):

Sendo tão notórias as extorsões, mortes e roubo que os gentios bárbaros da nação paiaguá e os mais que infestam o caminho das minas do Cuiabá [...] e o rio Paraguai infestado dos paiaguás, onde por várias vezes atacaram as nossas tropas, destruindo no ano de 1730 a que vinha o ouvidor Antônio Lanhas Peixoto, matando-o e à maior parte dos que o acompanhavam, roubando todo ouro que traziam, de que tem resultado um considerável prejuízo não só aos direitos reais, mas aos interesses deste Estado, e se deve reear que o mesmo gentio paiaguá e os mais bárbaros, animados dos roubos que têm feito,

²⁰ Fonte: Portal São Francisco – site institucional do Colégio São Francisco. Disponível em: <<http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/bandeirantes/bandeirantes-1.php>>. Acesso em: 28 Maio de 2012.

continuem e freqüentem os mesmos insultos, de que se poderão seguir sinistras conseqüências, fazendo-se muito preciso acudir-se com pronto remédio para se evitarem os danos futuros, dando-se um tal castigo àqueles bárbaros que lhes sirva de terror, e assim a eles e a todos mais que habitam por aqueles sertões. (Bando de 20/09/1732. Em ‘Bandos, regimentos e ordens dos capitães-generais conde de Sarzedas e Dom Luís Mascarenhas, 1732-1748’, Doc. Int., vol 22, pp.12-14).

Sabe-se que a tribo indígena Paiaguá, de acordo com Figliaggi (2011), conhecida por sua resistência às conquistas coloniais portuguesas, era formada por pescadores, coletores e caçadores nômades que utilizavam canoas como a principal forma de deslocamento.

Em 2010, Augusto Figliaggi e Elaine Guarani desenvolveram um projeto que tinha por objetivo criar uma História em Quadrinhos que contasse, explicasse e incentivasse uma reflexão sobre quem eram os paiaguás, sobre o que foi a “guerra justa” e sobre quais foram as suas conseqüências. Abaixo temos o cartaz desse projeto que originou a HQ: paiaguá donos do rio²¹ (fig. 10) com diversos patrocinadores.



Figura 10: Cartaz do Projeto Paiaguá – Donos do Rio
Fonte: Blog “Paiaguá - Donos do Rio”

Dentro desse contexto, buscamos os pensamentos de Baudrillard (1986) para tratarmos a identidade cultural, ao autor afirma que “na América, cada etnia, cada raça,

desenvolve uma língua, uma cultura competitiva [...] e cada grupo assume, sucessiva e simbolicamente, uma posição dominante.” Através dessa afirmação, pode-se considerar que todos os confrontos entre paiaguás e bandeirantes são consequências das diferenças de interesses, das diferenças culturais e da diferença do modo de vida de cada um desses povos.

A luta representa simbolicamente o embate entre o progresso que tanto o império português quanto os bandeirantes buscavam e a manutenção dos costumes primitivos de um povo indígena.

Segundo Baudrillard (2002), “em todo conflito, é preciso distinguir o combatido – nível propriamente político da guerra – e o sacrificado, de fato liquidado e varrido, o objeto de disputa mais profundo e o objetivo final.” No caso dos paiaguás, sabe-se que eles foram os combatidos e sacrificados, de acordo com Presotti (2012). Ainda, a própria HQ, figura abaixo, mostra que os soldados do império e os bandeirantes cortaram a cabeça de cinquenta índios e as espetaram em paus na borda da bacia hidrográfica do Paraguai (fig. 11).



Figura 11: HQ Paiaguá – Donos do Rio
Fonte: Augusto Figliaggi e Elaine Gonçalves

No embate entre indígenas e bandeirantes, é nítido que muitos índios morreram e que grande parte da sua herança simbólica foi perdida aos poucos. Baudrillard (2002)

afirma que “toda cultura que se universaliza perde sua singularidade e agoniza. Foi assim com as culturas que destruimos, assimilando-as pela força”. Ou seja, a tribo paiaguá foi completamente destruída, perdeu grande parte da sua identidade, entretanto, os portugueses, também, perderam a sua singularidade a partir do momento que os habitantes da colônia brasileira absorviam traços da sua identidade.

Dentro de todas as passagens históricas citadas na História em Quadrinhos, percebe-se a preocupação dos autores em mostrar a importância dessa história tanto para os mato-grossenses quanto para todos os brasileiros. É um pedaço de nossa história, é a demonstração de que somos frutos de uma miscigenação oriunda da colonização portuguesa, da escravização dos negros e da invasão ao território indígena.

Como uma forma de provocar outras formas de reflexão os autores terminam a HQ, afirmando que “foi em nosso Centro-oeste que tudo terminou. Região não é apenas uma localização geográfica. É uma invisibilidade de pertencimento. As características invisíveis que unem um grupo. Por mais que elas sejam inúmeras.”.

Baudrillard (2004) afirma que um ato simbólico pode ser enfatizado através de uma troca de linguagens, defendendo, também, a sedução – a forma de seduzir – como formas culturais de relacionamento, que dão embasamento a abordagem de linguagem e da identidade. Através dessa contextualização, entre as ideias apresentadas pelo filósofo e pela HQ, abordamos a construção da linguagem simbólica e da identidade cultural mato-grossense.

Em um estado como o Mato Grosso temos os indígenas, temos a vida caótica urbana, o sol infernal, o guaraná ralado, o Rock n’ Roll, o siriri, a viola de cocho, as guitarras desafinadas, as orquestras, as pinturas ritualísticas, as lanchonetes e seus baguncinhas, a juventude sofisticada da praça popular, os grupos de teatro, os jornalistas da TV, as praças que homenageiam os loucos, temos os próprios loucos, temos a cabeça de pacu frita, e suas ventrechas nos pratos feitos, temos a cerveja gelada, os sucos de fruta, temos o pequi, o caju, a manga, temos os sushis feitos em restaurantes e supermercados, em Mato Grosso temos as tribos de todas as etnias possíveis. (FIGLIAGGI, 2011, p. 69).

A linguagem é um instrumento de interação interpessoal e a linguagem simbólica é intrínseca dos seres humanos, tendo em vista que o homem é o único animal capaz de criar símbolos, de dar significação a tudo que está ao seu redor. Sendo assim, Silva *et al* (2009) afirma que levando em consideração que a linguagem simbólica abriga traços da singularidade de cada indivíduo, de cada região, de cada país.

Cuiabá possui características que são fruto da presença de várias etnias, da sua localização geográfica e de tudo o que já aconteceu e de tudo que ainda acontece em seu território. Cada trejeito, cada fala, cada palavra, cada uma das suas formas de expressão trazem a tona as suas heranças genéticas e também as suas heranças simbólicas (a miscigenação, as trocas culturais entre indígenas, brancos, negros).

De acordo com Freitas²² (2010), a identidade cultural de um povo também é constituída pela sua linguagem, por seus adjetivos pátrios e regionais, pelo sotaque que caracteriza o que de onde cada pessoa é. Outras características linguísticas também são importantes na formação da identidade cultural de um povo, como as gírias, as expressões regionais ou até mesmo os trejeitos na hora de pronunciar algumas palavras, exemplos: um paulista puxa a letra “r” das palavras; o carioca arrasta a letra “s”; os mineiros utilizam muito as expressões “uai”, “trem” durante suas conversas, e um gaúcho fala muito “báh”, “tchê”.

Na HQ Paiaguá- donos do rio, os autores narraram, através de uma interpretação particular, um fato histórico. Nesse caso, pode-se considerar que existem dois tipos de linguagem simbólica e cultural: primeiro, a linguagem dos bandeirantes, que usavam expressões oriundas da mistura entre brasileiros, negros, portugueses e até mesmo com os indígenas e também a linguagem própria da tribo indígena paiaguá.

Os quadrinhos, já nas primeiras páginas, contextualizam para o leitor qual é o fato histórico narrado, em que período e local aproximadamente o fato ocorreu. Quando começa realmente a narrativa, por exemplo, na frase “algum local da Bacia Hidrográfica do Paraguai – 1734”. Deve ser levado em consideração que no ano de 1734, o Brasil possuía uma linguagem bem influenciada pelos laços existentes entre a colônia brasileira e a metrópole Portugal, pela presença da Espanha que disputava o território com Portugal, pela presença dos negros vindos da África e pelos tantos dialetos falados pelas tribos indígenas que habitavam o país.

A HQ, apesar de não ser um livro literal sobre a época, apresenta alguns traços, expressões e trejeitos dessa linguagem. Os autores mostram as variações da palavra “você” que eram típicas daquela época e também utilizam nomes de indígenas, apresentando a singularidade da tribo e do seu linguajar.

²² Luis Felipe Rhoden Freitas, especialista em Estudos Linguísticos do Texto e mestrando em Teorias do Texto e do Discurso - UFRGS.

Principais palavras e expressões utilizadas pelos bandeirantes, linguagem da época de 1734:

- Trompaço: encontrão, empurrão.
- Sinhô: tratamento respeitoso que os escravos conferiam ao patrão. Palavra reduzida com supressão da vogal "e", e da consoante "r".
- “num vamo ficá a sua mercê capitão”: à mercê de (alguém ou alguma coisa), ao sabor de, ao bel-prazer de, na dependência da vontade de (alguém).
- Vossa: em vez de pronunciar o pronome possessivo sua.
- Vosmecê: forma reduzida de vossemecê ou vossa mercê, tratamento de respeito, ou de intimidade, equivalente a o senhor/ a senhora ou você.
- Funesto: deplorável, desventurado, infeliz
- Monções: expedições fluviais paulistas que partiam de Porto Feliz, às margens do Rio Tietê, com destino às áreas de mineração em Mato Grosso.
- Barbote: objeto feito em couro ou em outros materiais que tinha como função proteger a barba do cavaleiro
- Bulixo: no Mato Grosso, esse termo tem um significado especial, porque nomeia os estabelecimentos que forneciam os mais diversos produtos que os moradores pudessem precisar e serviam como um lugar de interação pessoal.

Principais palavras e nomes indígenas utilizados pela tribo paiaguá:

- Anapichaguá
- Evuevê: “gente do rio”

Outra característica marcante na HQ Paiaguá - donos do rio - é a oralidade, o tom conversacional, ou seja, as falas dos personagens assemelham-se à linguagem falada e não à linguagem escrita. Além disso, os autores mostram, também, erros de escrita/pronúncia de algumas palavras. Como exemplo pode-se citar as seguintes palavras/expressões:

- Acabá: acabar;
- Falô: falou;
- Pá: para;
- Tomá: tomar;
- Falá: falar;
- Entendê: entender;
- Num: como sinônimo de não;
- Ficá: ficar;
- Descurpe: desculpe;
- Tá: está;
- Canoêro: canoeiro;
- Pruque: porque;
- Hómi: homens;
- Cabrerô: cabreiro;
- “Esses índio”.
- “Eu não tô me sentindo bem”.
- “Se os hómi do piolho...”

Na figura 12 abaixo, página 03, podemos ter uma noção da forma como os bandeirantes conversavam. A História em Quadrinhos (fig.07) também conta e apresenta um suposto mito paiaguá: “Anapichaguá sonha com um mito paiaguá. Nesse mito seu povo é representado por um pacu. Um dos maiores peixes do Rio Paraguai. Mas de súbito surge um dourado, o homem branco. E o afronta.”

Através dessas palavras/expressões, mencionados acima, percebe-se que o Quadrinho tenta mostrar o linguajar popular e “inapropriado” dos bandeirantes, ou seja, mostra-se a linguagem típica desses homens que viajavam o país inteiro atrás de metais preciosos.

Existe, também, a presença da linguagem simbólica indígena, primeiro, por causa do nome do índio e depois pela citação da palavra “evuevê”. Além disso, os autores apresentam a linguagem que, no senso comum, são taxadas como frases pronunciadas por indígenas, como: “Ouro não. Lúcio, Cuiabá.”; “Ajuda amanhã! Lúcio, Cuiabá!”.



Figura 12: HQ Paiaguá – Donos do Rio
Fonte: Augusto Figliaggi e Elaine Gonçalves

Podemos voltar desde o começo da espécie humana, as formas de interações sociais, as manifestações culturais, como por exemplo: a escrita e os desenhos rupestres que foram elos fundamentais para a comunicação entre os homens primitivos.

Dentre tudo o que foi apresentando, pode-se perceber que além da linguagem simbólica, outras formas de identidade cultural (expressões, linguagens corporais, imagens, desenhos) são muito importantes para os processos de significação humana e para a delimitação da singularidade de um determinado povo (fig. 13), como podemos perceber na figura abaixo.



Figura 13: HQ Paiaguá – Donos do Rio
Fonte: Augusto Figliaggi e Elaine Gonçalves

Os quadrinhos acima vão ilustrando o ritual indígena, as poucas palavras usadas complementam o desenho. A HQ “Paiaguá – Donos do Rio” é um exemplo nítido da importância do uso das HQs como fonte cultural. Tanto patrocinadores de projetos quanto os quadrinistas (autores das HQs) precisam buscar registrar a história do Brasil, buscar suas raízes através de novos meios de divulgação. Não é necessário apenas livros com textos (escrita). Para esta nova geração que a cada dia se interessa menos pela leitura tradicional (livros didáticos e científicos), a HQ pode ser uma alternativa de incentivo a leitura.

Considerações

Percebemos que tanto a HQ “Paiaguá - Donos do Rio” quanto o quadrinho “O Analista de Bagé” mostram a linguagem simbólica e ilustram a identidade cultural.

Na HQ “Paiaguá - Donos do Rio” os autores preocupam-se em revelar um fato histórico mato-grossense, em incentivar uma análise, uma reflexão sobre o ocorrido. No quadrinho “O Analista de Bagé”, o autor, vai revelando traços da cultura, da linguagem gaúcha de uma forma humorística.

Apesar dessa diferença na abordagem e na construção da história, é importante ressaltar que as duas Histórias em Quadrinhos (HQs) são responsáveis por apresentar aos leitores um pouco da cultura regional, das gírias, da influência da miscigenação em cada um desses estados.

Esses quadrinistas trabalham imagens e textos constituídos nas identidades do Brasil, além de constituir a emergência regional. Mudam alguns pontos da verdadeira história brasileira para que o leitor se divirta, mesmo assim não foge dos fatos históricos, conseguem manifestar o que ocorreu em seus distintos estados. Em especial, a população local consegue se identificar e colocar em discussão os possíveis olhares sobre a sua cultura.

Referências

BAUDRILLARD, Jean. **América**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

_____. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Ed. 70, 1991.

_____. **Da sedução**. 5. ed. Campinas (SP): Papyrus, 2004.

_____. **Tela total: mitos-ironias da era do virtual e da imagem**. 3ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2002.

FIALHO, Marco Antônio Verardi. **Rincões de pobreza e desenvolvimento: interpretações sobre comportamento coletivo**. Tese de doutorado da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Instituto de Ciências Humanas e Sociais. UFRRJ, Rio de Janeiro, 2005.

FIGLIAGGI, Augusto. **Paiaguá – Donos do Rio**. 1 ed. São Carlos: Associação Instituto Cultural Janela Aberta, 2011.

MARANHÃO, Carlos. **Entrevista com Luis Fernando Veríssimo**. Revista Playboy. Ano 14, nº 1, Janeiro de 1989.

NETO, Manuel Pacheco. **Os bandeirantes como tema da educação brasileira: um estudo dos livros didáticos publicados entre 1894 e 2006.** Tese doutorado da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Metodista de Piracicaba no Programa de Pós-Graduação em Educação. UNIMEP: São Paulo: Piracicaba, 2007.

SCHWEIG, Grazielle Ramos. **Identidade cultural, contraste e deslocamento: O “Analista de Bagé” em questão.** Anuário de Literatura, v. 15, n. 02, 2010.

SILVA, Carmen Luci da Costa *et al.* **Teorias do discurso e ensino** [recurso eletrônico] organizadoras, Carmem Luci da Costa Silva ... [et al.]. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

VERGUEIRO, W. C. S. (Org.); RAMOS, Paulo Eduardo (Org.). **Muito além dos quadrinhos: análises e reflexões sobre a arte.** São Paulo: Devir, v.1, 2009.

VERÍSSIMO, Luís Fernando. **Todas as histórias do Analista de Bagé.** 1 ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

Outras fontes

FREITAS, Luis Felipe Rhoden. **A Identidade Cultural na Interface Com os Estudos Enunciativos e Discursivos.** Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/sited/arquivos/LuisFelipeRhodenFreitas.pdf> Acesso em 1º de junho de 2012.

PRESOTTI, Thereza Martha. **A conquista dos sertões do Cuiabá e do Mato Grosso: os numerosos reinos de gentios a “guerra justa” aos paiaguá (1719-1748).** Disponível em: <http://www.ifch.unicamp.br/ihb/Textos/TMPresotti.pdf> Acesso em 25 de maio de 2012.